



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v18i2>

A VEGETAÇÃO COMO METÁFORA EM TRÊS POEMAS DE “CALAMUS”, DE WALT WHITMAN

BRUNO DOS SANTOS KONKEWICZ*

 <https://orcid.org/0009-0004-7938-6766>

CARLOS ALEXANDRE BAUMGARTEN**

 <https://orcid.org/0000-0001-5760-9114>

RESUMO

O presente estudo articula uma análise de três poemas da coleção “Calamus”, de autoria do poeta estadunidense Walt Whitman, com ênfase na utilização de expressões associadas à vegetação enquanto recurso metafórico. Serão analisados os poemas “Roots and Leaves Themselves Alone”, “I Saw in Louisiana a Live-Oak Growing” e “Here the Frailest Leaves of Me”, com o intuito de demonstrar o uso que Whitman faz de elementos da natureza vegetal para referir-se tanto ao desejo homoerótico quanto ao fazer poético. Objetiva-se ressaltar a multiplicidade de leituras críticas a que se prestam os poemas analisados, uma vez que estes não se permitem encerrar em uma única interpretação. O aporte teórico deste estudo compreende obras dos campos da teoria literária, da filosofia e da linguística. Nesse sentido, serão abordadas as contribuições críticas de James Miller (1957), Max Black (1962; 1993), Russel A. Hunt (1975), Joseph Cady (1978), Paul Ricoeur (1987), Octavio Paz (1996), Conrad M. Sienkiewicz (1998), Luiz Antônio Marcuschi (2000), João de Mancelos (2009) e Betsy Erkkila (2011). Tendo em vista que, como afirma Marcuschi (2000), a tradução literária frequentemente implica uma interpretação, optou-se por articular a leitura dos poemas em sua versão original em língua inglesa.

Palavras-chave: Walt Whitman; poesia estadunidense; metáfora; teoria literária.

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: bruno.konkewicz@edu.pucrs.br.

** Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: carlos.baumgarten@pucrs.br.

ABSTRACT

VEGETATION AS METAPHOR IN THREE POEMS FROM WALT WHITMAN’S “CALAMUS”

The present study conducts an analysis of three poems from Walt Whitman’s collection “Calamus”, focusing on the American poet’s use of vegetation-related expressions as metaphorical devices. In this sense, the poems “Roots and Leaves Themselves Alone”, “I Saw in Louisiana a Live-Oak Growing” and “Here the Frailest Leaves of Me” will be analyzed with the aim of demonstrating Whitman’s use of botanical elements to allude to both homoerotic desire and the poetic process. Thus, this article aims to highlight the multitude of possible readings that the poems invite, given they defy a single, unique interpretation. The theoretical framework of this study consists of works from the fields of literary theory, philosophy and linguistics. In this context, critical contributions from James Miller (1957), Max Black (1962; 1993), Russel A. Hunt (1975), Joseph Cady (1978), Paul Ricoeur (1987), Octavio Paz (1996), Conrad M. Sienkiewicz (1998), Luiz Antônio Marcuschi (2000), João de Mancelos (2009) and Betsy Erkkila (2011) will be addressed. The poems will be analyzed in their original English versions, given that, as Marcuschi (2000) points out, literary translation often entails an act of interpretation.

Keywords: Walt Whitman; American poetry; metaphor; literary theory.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A respeito da coleção de poemas de Walt Whitman, publicada pelo autor sob o título de “Calamus” na terceira edição de suas *Folhas de relva*, o crítico literário e poeta estadunidense Joseph Cady (1978, p. 6, tradução nossa) afirma: “acredito que a coleção seja a tentativa mais orquestrada [...] de Whitman de responder à opressão que sofreu enquanto homossexual¹”. O crítico literário Russel A. Hunt (1975) ressalta o fato de que os poemas contidos em “Calamus”, não obstante a sua temática abertamente homoerótica, não parecem ter causado qualquer frêmito ou controvérsia por parte do público quando da sua publicação em 1861. No entanto, leitores e críticos literários do século XX prontamente identificaram o simbolismo fálico e

a celebração do amor entre homens que permeiam os poemas do autor estadunidense, e mais especificamente aqueles que integram “Calamus”. Diversos autores se debruçaram sobre a temática homossexual dos poemas, recorrendo à biografia do poeta norte-americano e remetendo leitores aos seus escritos diarísticos e cartas como uma forma de embasar seus argumentos.

Tendo em vista tais particularidades, o presente artigo não compreende a especulação da sexualidade de Whitman e tampouco visa encontrar explicações para os escritos do poeta a partir de informações biográficas. Pretende-se, antes, articular uma análise de três poemas selecionados de “Calamus”, visando explicitar e analisar, nestes, a utilização da vegetação como recurso metafórico. Para tanto, elegeu-se como aporte teórico as contribuições de Paul Ricoeur (1987), Max

1 “I believe that the collection is Whitman's most concerted attempt [...] to respond to his oppression as a homosexual.”

Black (1962; 1993), Octavio Paz (1996) e Luiz Antônio Marcuschi (2000) acerca da natureza e da função da expressão metafórica, bem como as considerações críticas de Russel A. Hunt (1975), Joseph Cady (1978), Conrad M. Sienkiewicz (1998), João de Mancelos (2009) e Betsy Erkkila (2011) sobre a poesia de Whitman. Objetiva-se, com este estudo, contribuir para os estudos da área da teoria da literatura, com ênfase na teoria da metáfora, bem como para a fortuna crítica que versa sobre a obra do poeta estadunidense.

À vista disso, o presente artigo é dividido em três seções. O primeiro aborda a definição e a função de uma expressão metáfora, visando articular um diálogo entre os autores previamente mencionados. Em seguida, será discutida a presença da temática homoerótica e de referências ao processo poético na poesia de Whitman, utilizando como embasamento teórico as obras de autores e pesquisadores da área da teoria da literatura. O terceiro capítulo compreende a análise dos poemas “Roots and Leaves Themselves Alone”, “I Saw in Louisiana a Live-Oak Growing” e “Here the Frailest Leaves of Me” sob a perspectiva da utilização de elementos associados à vegetação como recursos metafóricos.

SOBRE A METÁFORA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Em “A metáfora e o símbolo”, Paul Ricoeur (1987) se propõe a discutir a diferença entre um símbolo e uma metáfora. Recorrendo às contribuições dos antigos retóricos, Ricoeur (1987, p. 60) argumenta que a metáfora foi tradicionalmente classificada enquanto um tropo, uma figura de linguagem que diz respeito à denominação, cuja finalidade seria “ou colmatar uma lacuna semântica no código lexical, ou ornamentar o discurso e torná-

-lo mais agradável”. Todavia, o autor recusa a concepção da metáfora como tropo, posto que este designa uma substituição.

Para Ricoeur (1987), a metáfora é mais do que um ornamento do discurso; ela compreende uma tensão entre as palavras, cujo resultado é a criação de um novo sentido. Tal tensão “não é, efetivamente, algo que ocorra entre dois termos numa enunciação, mas antes entre duas interpretações opostas da enunciação. É o conflito entre as duas interpretações que sustenta a metáfora” (Ricoeur, 1987, p. 62). Esse conflito se dá justamente por meio de duas possibilidades interpretativas, tendo em vista o sentido literal e o sentido figurativo da expressão metafórica. Para o filósofo francês, há, em uma construção metafórica, uma tensão entre esses dois sentidos.

Ricoeur (1987, p. 61) também ressalta que a metáfora só pode manter seu sentido em uma enunciação, pois “só o conjunto sustenta a metáfora”. Por conseguinte, ele sugere que não se deve falar sobre o uso metafórico de uma dada palavra, mas sim de uma enunciação metafórica. Por fim, o autor concebe a possibilidade de que consideremos as metáforas “em frases isoladas, ou como subjacentes a um dado poema, ou como as metáforas dominantes de um poeta” (Ricoeur, 1987, p. 77).

De forma consoante às considerações de Ricoeur (1987), o filósofo anglo-estadunidense Max Black (1962), em seu célebre ensaio “Metaphor”, propõe uma análise semântica da expressão metafórica, concebendo-a como um processo cognitivo e elencando três possíveis formas de compreender o seu uso: a partir de uma visão comparativa, substitutiva ou interativa. Opondo-se tanto à visão substitutiva quanto à visão comparativa da metáfora, Black (1962) privilegia uma teoria interativa da metáfora. De acor-

do com o autor, uma expressão metafórica não pode ser substituída por uma sentença literal – noção associada à visão substitutiva da metáfora – e tampouco compõe uma símile elíptica ou comparação sintética – perspectiva que remete a uma visão comparativa da metáfora.

Black (1962) concebe, ainda, a possibilidade de que uma construção metafórica seja interpretada de inúmeras – e até mesmo conflituosas – maneiras. Logo, a interpretação de um dado leitor pode não ser aceita por outro – e vice-versa. Para ele, não há, portanto, um único significado possível por trás de um enunciado metafórico. De maneira semelhante, o poeta mexicano Octavio Paz (1996) postula que há uma multiplicidade de significados da palavra na poesia. Ainda, é possível que tais significados sejam “contrários ou díspares, aos quais [o poema] abarca ou reconcilia sem suprimi-los” (Paz, 1996, p. 38). Nesse sentido, o pesquisador brasileiro Luiz Antônio Marcuschi (2000) afirma que a tradução de uma construção metafórica constitui uma espécie de empobrecimento no que concerne à sua multiplicidade de significados, posto que traduzir implica interpretar e, portanto, uma tradução transmite e privilegia uma determinada interpretação em detrimento de outras.

Em seu artigo “More about metaphor”, Black (1993) retoma os argumentos que apresentara em “Metaphor”, visando desdobrá-los e reformulá-los. A partir das considerações previamente traçadas sobre uma visão interativa da metáfora, o autor se debruça, novamente, sobre a problemática da natureza e da interpretação de uma expressão metafórica. Black (1993) privilegia, para fins de análise, as metáforas que designa como “ativas” – designadas por Ricoeur (1987) sob a expressão “metáforas vivas”. Semelhantemente ao que postula Ricoeur

(1987), Black (1993) ressalta a sua preocupação com “construções metafóricas”, uma sentença ou um conjunto de sentenças que ocorrem em atos comunicativos completos.

O filósofo anglo-estadunidense enumera os aspectos que julga serem fundamentais à caracterização da visão interativa da metáfora – nomeadamente, que uma construção metafórica apresenta um sujeito primário e um sujeito secundário e que este deve ser considerado enquanto sistema; que uma expressão metafórica constitui uma espécie de projeção de um conjunto implicações associativas entre o sujeito primário e o secundário; e que a construção metafórica convida o leitor a construir uma associação entre as propriedades do sujeito secundário e do sujeito primário. Defendendo a construção de uma teoria mais abrangente, passível de dar conta da complexidade da metáfora enquanto figura de linguagem, o autor afirma que

[...] supor que o enunciado metafórico é um resumo ou síntese de uma comparação literal detalhada, na qual os sujeitos primário e secundário se encontram justapostos apenas para ressaltar semelhanças e dessemelhanças, é interpretar erroneamente a função de uma metáfora. Ao discursivamente comparar um sujeito a outro, sacrificamos o poder único e a eficácia de uma boa metáfora. A comparação literal carece do clima e sugestividade e da “visão” imposta do sujeito primário, da qual depende o poder elucidativo da metáfora² (Black, 1993, p. 30-31, tradução nossa).

2 “But to suppose that the metaphorical statement is an abstract or precis of a literal point-by-point comparison, in which the primary and secondary subjects are juxtaposed for the sake of noting dissimilarities as well as similarities, is to misconstrue the function of a metaphor. In discursively comparing one subject with another, we sacrifice the distinctive power and effectiveness of a good metaphor. The literal comparison lacks the ambiance and suggestiveness, and the imposed “view” of the primary subject, upon which a metaphor’s power to illuminate depends.”

Apesar de considerá-la profícua, Marcuschi (2000) julga insatisfatória a teoria interativa de Max Black (1962; 1993), posto que considera que este se baseia, em parte, no princípio da comparação para explicar a natureza da metáfora. Nas palavras do autor, “se a noção de *fusão de campos semânticos* poderia ser uma boa saída para a questão da transposição de sentido, surge nela o impasse de superar a comparação como fonte para a metáfora” (Marcuschi, 2000, p. 84, grifo do autor). Não obstante, o crítico brasileiro concebe a possibilidade de que a comparação possa servir de base para explicar algumas construções metafóricas, embora muitas outras se furtem a essa via analítica.

“CALAMUS”: O FAZER POÉTICO E O DESEJO HOMOERÓTICO

“‘Calamus’ é muito mais, e muito mais complexo, do que uma mera expressão das tendências homoeróticas de Whitman³”, salienta Russel A. Hunt (1975, p. 483, tradução nossa). De fato, “Calamus” ostenta uma diversidade de temas para além da temática do homoerotismo. A riqueza dos poemas se evidencia particularmente na utilização, por parte de Whitman, de figuras de linguagem para construir novas associações e novos sentidos em seus enunciados poéticos. Não obstante, desprezar a conotação homoerótica que perpassa grande parte dos poemas constituiria uma cesura injustificável.

O próprio Walt Whitman ressaltou que o mote que unifica “Calamus” é justamente o “amor entre camaradas”, tema que parece, de fato, permear os trinta e nove poemas da seleção (Miller, 1957). O teórico literário James Miller (1957), em seu artigo “Whit-

man’s ‘Calamus’: The Leaf and the Root”, recorre a cartas e outros escritos biográficos do poeta norte-americano para sustentar a hipótese de que este desconhecia o significado por trás de seus poemas. Ele afirma não ser estranho conceber que Whitman seja um estranho diante do próprio livro em uma época na qual se pressupõe que “o poeta inclui mais em seus poemas do que sabe⁴” (Miller, 1957, p. 250, tradução nossa).

Por fim, Miller (1957) conclui que não há como saber se Whitman conhecia os significados dos poemas incluídos em “Calamus” – e, na verdade, tal particularidade não se faz relevante para análise. Os poemas de Whitman falam por si; não é necessário conjurar o seu autor para que ele nos esclareça suas intenções. Tampouco convém recorrer à sua biografia ou tentar encontrar o sentido de sua poesia em suas cartas ou escritores pessoais. Nas palavras de Miller (1957, p. 253, tradução nossa), são “os poemas [que] devem ter a palavra final⁵”.

Miller (1957) fornece sua própria interpretação quanto à utilização da planta *Acorus calamus* – também designada como “*sweet flag*” em inglês – como símbolo unificador da coleção de poemas. Ele associa os atributos da planta às características do amor entre camaradas, relacionando o tamanho e a rigidez da planta à profundidade desse amor; o seu odor pungente à espiritualidade; o fato de que floresce em aglomerados à democracia e ao apego pessoal; e o isolamento da planta à raridade de amizades desse gênero entre dois homens. Miller (1957) parece, contudo, contornar uma outra possível leitura: a de que todas as características da planta – com seu formato fálico,

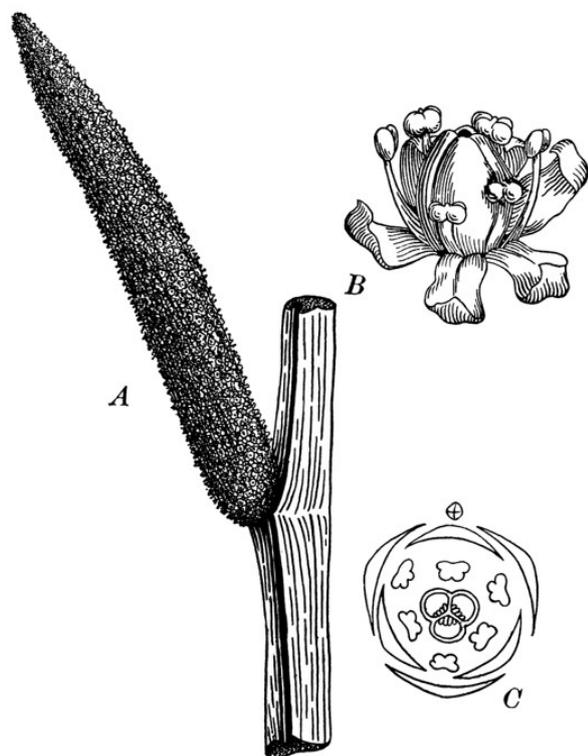
3 “‘Calamus’ is much more, and much more complex, than merely an expression of Whitman’s homoerotic tendencies.”

4 “[...] the poet includes in his poems more than he knows.”

5 “[...] the poems themselves must have the final say.”

odor pungente e austeridade – podem ser, também, associadas ao órgão genital masculino.

Figura 1. *Acorus calamus*



Fonte: BERGEN (1896)

Por outro lado, Joseph Cady (1978) argumenta que a planta de quase 90 centímetros de altura, cuja floração se dá nas extremidades de lagos, constitui um símbolo do amor homoerótico. Ainda, Cady (1978) afirma, de forma contundente, que os poemas de “Calamus” compõem uma resposta de Whitman à opressão contra os homossexuais no século XIX.

De maneira consoante, o crítico português João de Mancelos (2009) postula que Whitman utiliza elementos da natureza vegetal, como o cálamus e o carvalho, como recursos metafóricos em referência ao amor homossexual, de modo obscurecer o “segredo” que jorra das folhas de “Calamus”. Aliás, Mancelos (2009) concebe que alguns dos poemas de Whitman são dedicados ao

seu amante, Peter Doyle, cuja existência se tornou conhecida pelos críticos após a publicação dos escritos diarísticos do poeta estadunidense. Indo além, o crítico literário português expõe a possibilidade de que o título da coleção de poemas remeta à “lenda acerca do desafortunado amor entre dois jovens: Cálamo, filho do deus-rio Menandro, e Carpo, também de ascendência divina” (Mancelos, 2009, p. 132).

Em contrapartida, Russel A. Hunt (1975, p. 484, tradução nossa) assume outro posicionamento crítico em relação aos poemas de “Calamus”, ressaltando que o fazer poético e o processo criador são, na verdade, os princípios unificadores da coleção:

“Calamus” não é, portanto, uma “confissão” autobiográfica, uma celebração da homossexualidade ou do homoerotismo ou tampouco um programa político que defende o amor entre homens como o fundamento da democracia. Incorpora elementos de todas essas coisas, mas eles são, no fundo, meramente a matéria-prima que Whitman emprega em um manifesto, organizado de maneira orgânica em vez de lógica, da origem e natureza da própria poesia de Whitman – como ela deve ser lida e por quem, e quais efeitos a sua leitura é passível de desencadear.⁶

Há, de fato, uma evidente referência ao processo poético no conjunto da obra de Whitman e, particularmente, nos textos que compõem a coleção intitulada “Calamus”. Ainda que Hunt (1975) pareça considerar

⁶ “‘Calamus,’ then, is not an autobiographical ‘confession,’ not a celebration of homosexuality or homoeroticism, and not a political program which advocates manly love as the foundation of democracy. It incorporates elements of all these things, but they are at bottom merely the raw material Whitman employs in a statement, organized organically rather than logically, of the origin and nature of Whitman’s own poetry – how it should be read and by whom, and what effects its reading is likely to have.”

que a temática homoerótica presente nos poemas lhes serve apenas como pano de fundo para uma reflexão sobre o próprio fazer poético, Mancelos (2009) nos alerta sobre o apagamento das referências ao desejo homoerótico na poesia de Whitman e, mais especificamente, da sexualidade do poeta na mídia estadunidense. De fato, os textos de “Calamus” convidam o leitor a tomar parte no processo criativo da poesia, incitam-no a tornar-se um participante ativo na construção de sentido, mas até mesmo Hunt (1975) afirma que não há como negar a presença dos diversos símbolos fálicos presentes nos poemas. Argumenta-se que essas duas posições críticas não necessariamente se anulam, podendo até mesmo nutrir uma à outra. A diversidade de leituras que podem florescer dos poemas de Whitman advém, em parte, da própria riqueza das construções metafóricas de que se vale o poeta em sua escrita; privilegiar uma dada interpretação em detrimento de outra parece, portanto, pouco profícuo. Nesse sentido, defende-se, na esteira das considerações de Black (1962) e Paz (1996), a coexistência de múltiplas possíveis interpretações dos poemas, que não se deixam encerrar em uma única perspectiva crítica.

VEGETAÇÃO COMO METÁFORA EM TRÊS POEMAS DE “CALAMUS”

Tendo em vista o aporte teórico acerca da natureza da expressão metafórica e da poesia de Walt Whitman, pretende-se, nesta seção, articular uma análise da utilização de elementos associados à natureza vegetal como recurso metafórico em três poemas de “Calamus”: “Roots and Leaves Themselves Alone,” “I Saw in Louisiana a Live-Oak Growing” e “Here the Frailest Leaves of Me”. Em uníssono às considerações de Mancelos

(2009) no que concerne ao uso da vegetação como metáfora para o amor homossexual, argumenta-se que há, nos últimos dois poemas a serem analisados, uma referência implícita ao homoerotismo. Em contrapartida, estes textos também apresentam ao leitor uma evidente reflexão sobre o processo e o fazer poético, conforme salientado por Hunt (1975). Nesse sentido, serão apresentadas diferentes interpretações suscitadas pelos poemas, que possibilitam diversas – e por vezes contrastantes – leituras (Paz, 1996; Marcuschi, 2000).

Ademais, defende-se que o uso da metáfora nos poemas de Whitman é irredutível e, portanto, não cabe substituí-las por sentenças ou expressões literais. Os poemas serão apresentados e analisados em sua versão original em inglês, tendo em consideração a afirmação de Marcuschi (2000) de que a tradução de expressões metafóricas compreende uma determinada interpretação em detrimento da plurissignificação inerente a tal recurso discursivo.

Como supracitado, Hunt (1975) salienta o uso de elementos da natureza vegetal como metáfora para o processo poético em “Calamus”. O crítico literário cita, a título de exemplo, “Roots and Leaves Themselves Alone”, décimo segundo poema da coleção, composto em verso livre:

Roots and leaves themselves alone are these,
Scents brought to men and women from the
wild woods and pond-side,

Breast-sorrel and pinks of love, fingers that
wind around tighter than vines,

Gushes from the throats of birds hid in the
foliage of trees as the sun is risen,

Breezes of land and love set from living shores
to you on the living sea, to you O sailors!

Frost-mellow'd berries and Third-month
twigs offer'd fresh to young persons wand-

ring out in the fields when the winter breaks
up,

Love-buds put before you and within you
whoever you are,

Buds to be unfolded on the old terms,

If you bring the warmth of the sun to them
they will open and bring form, color, perfume,
to you,

If you become the aliment and the wet they
will become flowers, fruits, tall branches
and trees.

(Whitman, 2007 [1861], p. 145)

A partir da perspectiva da utilização da vegetação como metáfora em referência ao fazer poético, pode-se conceber que “*roots and leaves*” constituem uma construção metafórica em alusão aos próprios textos de “Calamus”. Com o uso do pronome pessoal “*you*” nos últimos dois versos do poema, o sujeito poético parece convidar o leitor a se debruçar sobre os seus escritos, a tornar-se um participante ativo no processo de significação poética, a conferir sentido à sua poesia para que esta possa, então, desabrochar plenamente.

O poeta oferece, assim, aos seus leitores “*frost-mellow’d berries and third-month twigs*”, “*love-buds*”, “*buds to be unfolded*”. Essas expressões podem ser concebidas enquanto metáforas para os textos de “Calamus”. Contudo, os poemas necessitam de “*warmth of the sun*”, “*aliment and the wet*” para que possam “*open and bring form, color, perfume, to you*”. Ora, para que “*roots and leaves themselves alone*” – as palavras, os textos – se tornem “*flowers, fruits, tall branches and trees*” – poemas –, é necessária a participação do leitor, posto que é este que lhes confere sentido. É interessante constatar como Whitman se vale de expressões associadas à botânica para enfatizar a debilidade dos textos, que seriam apenas “*roots and leaves*”, quando o leitor se furta a participar

do processo poético, e a sua riqueza, o seu florescimento quando este se envolve ativamente na construção dos sentidos por trás dos poemas. Cabe ao leitor trazer o subsídio para que os textos possam, enfim, prosperar.

Em sua análise de “*Roots and Leaves Themselves Alone*”, Miller (1957, p. 270, tradução nossa) apresenta uma leitura divergente, segundo a qual o termo “*alone*” indicaria que os poemas de “Calamus” são, por si mesmos, “tão genuínos e autênticos quanto a própria natureza”⁷. A leitura do crítico estadunidense parece ir de encontro à perspectiva de que o eu lírico convida o leitor a tomar parte no processo de construção de sentido, uma vez que ele argumenta que os poemas seriam autossuficientes. Retomando o argumento de que a planta *Acorus calamus* constitui um símbolo do amor espiritual, Miller (1957) afirma que a inclusão dos cinco sentidos no poema – o odor e a visão das flores, o som dos pássaros, o toque do vento e o gosto das frutas – compõem uma espécie de recurso para atingir o âmbito da espiritualidade.

Em “*I Saw in Louisiana a Live-Oak Growing*”, décimo sétimo dos trinta e nove poemas de “Calamus”, o sujeito poético se vale de outras expressões botânicas, descrevendo um carvalho solitário que vê no estado de Louisiana – como se pode inferir pelo próprio título do poema. Betsy Erkkila (2011) afirma que o carvalho constitui um dos diversos símbolos fálicos dos poemas de “Calamus” e, segundo ela, compõe uma metáfora para o amor homossexual. Sob essa perspectiva, uma possível leitura do poema abarcaria a presença de uma referência ao desejo homoerótico do eu lírico, à sua necessidade de compartilhar esse desejo com um outro. Mancelos (2009) apresenta uma leitura se-

7 “[...] are as genuine and as authentic as nature itself”.

melhante e postula que há, na verdade, dois símbolos fálicos no poema: o carvalho e o galho arrancado pelo sujeito poético.

I saw in Louisiana a live-oak growing,
 All alone stood it and the moss hung down
 from the branches,
 Without any companion it grew there utter-
 ing joyous of dark green,
 And its look, rude, unbending, lusty, made
 me think of myself,
 But I wonder'd how it could utter joyous lea-
 ves standing alone there without its friend
 near, for I knew I could not,
 And I broke off a twig with a certain number
 of leaves upon it and twined around it a little
 moss,
 And brought it away, and I have placed it in
 sight in my room,
 It is not needed to remind me as of my own
 dear friends,
 (For I believe lately I think of little else than
 of them,)
 Yet it remains to me a curious token, it ma-
 kes me think of manly love;
 For all that, and though the live-oak glistens
 there in Louisiana solitary in a wide flat spa-
 ce,
 Uttering joyous leaves all its life without a
 friend a lover near,
 I know very well I could not
 (Whitman, 2007 [1861], p. 150).

O carvalho indômito, com a sua aparên-
 cia rude e vigorosa, faz com que o eu lírico
 pense em si mesmo e questione a sua ca-
 pacidade de prosperar mesmo na solidão,
 como a árvore que contempla. Ele, então,
 quebra um galho do carvalho e o admira em
 seu quarto, afirmando que permanece sen-
 do um “*curious token*” que o faz pensar no
 “*manly love*” – isto é, o amor entre homens.
 Esse “*token*” o faz lembrar de que ele não

seria capaz de prosperar “*without a friend
 a lover near*”. As folhas verdejantes do car-
 valho, a sua fartura apesar da solidão, são,
 então, comparadas ao ofício do poeta, que
 seria incapaz de produzir as suas folhas –
 isto é, os seus versos – sem um companheiro
 (Mancelos, 2009). Uma possível leitura po-
 deria apontar a significação do amor como a
 matéria bruta da poesia. Não obstante, con-
 forme ressalta Hunt (1975), é possível com-
 preender a comparação do eu lírico com a
 árvore enquanto metáfora para o processo
 poético, posto que o poema necessita da
 presença de outro – de um leitor – para flo-
 rescer. Nessa perspectiva, “*I Saw in Lousia-
 na a Live-Oak Growing*” compartilharia te-
 máticas semelhantes com o primeiro poema
 analisado, “*Roots and Leaves Themselves
 Alone*”. Ambos os poemas poderiam aludir,
 a depender da posição interpretativa, tanto
 ao desejo homoerótico do eu lírico quanto
 ao processo poético e à necessidade da par-
 ticipação ativa do leitor para que os poemas
 possam, enfim, emergir em toda a sua rique-
 za semântica.

A obra *Folhas de relva*, na qual estão con-
 tidos os poemas analisados, carrega, em seu
 próprio título, a duplicidade de sentido do
 vocábulo “*leaves*” – em português, “folhas”.
 Pode-se ler a utilização de tal expressão
 como uma referência tanto às folhas de ár-
 vores quanto às folhas em que são escritos
 os poemas. Verifica-se a utilização desse
 mesmo duplo sentido em “*Here the Frailest
 Leaves of Me*”, poema em que o eu lírico se
 vale novamente do termo “*leaves*” tanto em
 seu significado vegetal quanto em referên-
 cia ao fazer poético. O vigésimo quinto poe-
 ma de “*Calamus*” é, assim como os demais,
 composto em versos livres:

Here the frailest leaves of me and yet my
 strongest lasting,
 Here I shade and hide my thoughts, I myself

do not expose them,

And yet they expose me more than all my
other poems

(Whitman, 2007 [1861], p. 158).

Na leitura de Conrad Sienkiewicz (1998), a expressão “*frailest leaves*” pode ser compreendida como uma referência à própria coleção de poemas. O termo “*frailest*” caracterizaria, então, os poemas do eu lírico, que são, contudo, “*strongest lasting*” (Sienkiewicz, 1998). Potencialmente referindo-se à própria construção poética, o eu lírico afirma que “*here I shade and hide my thoughts*” – depreende-se que ele oculta seus pensamentos justamente através das figuras de linguagem contidas nos poemas. O sujeito poético não expõe os pensamentos que despeja nas folhas de “Calamus” de maneira literal, mas, para ele, esses poemas o expõem mais do que quaisquer outros em *Folhas de relva*. Miller (1957), por sua vez, interpreta a ambiguidade do termo “leaves” presente no poema como uma referência ao cálam, que dá nome à coleção, postulando que o eu lírico se refere concomitantemente à fragilidade e à robustez da planta.

Apesar de breve, “Here the Frailest Leaves of Me” é um poema que possibilita diversas interpretações. Nesse sentido, é possível inferir que a “fragilidade” do eu lírico é justamente o fato de que seus poemas contêm referências ao seu desejo homoerótico. O uso da expressão “*strongest lasting*” também alude à durabilidade de tais desejos – tópico que é abordado em outros poemas de “Calamus”.

Retomando as contribuições teóricas a respeito da enunciação metafórica, cabe lembrar que Ricoeur (1987) salienta a possibilidade de que se conceba a metáfora tanto numa frase isolada, em um dado poema ou no conjunto da obra de um autor. Nessa perspectiva, poderíamos afirmar que “Cala-

mus” como um todo apresenta ao leitor um conjunto de metáforas associadas entre si. Na maior parte dos poemas que integram a coleção, Whitman se vale de elementos botânicos para a construção de enunciados metafóricos diversos, dos quais emergem tensões entre os sentidos literais e os sentidos figurativos dos termos empregados. Em consonância com Black (1962; 1993), verificamos como uma visão comparativa da metáfora parece insuficiente para dar conta da complexidade das enunciações metafóricas presentes nos poemas analisados, uma vez que estas pressupõem uma interação – ou, conforme Ricoeur (1987), uma tensão – entre dois sentidos opostos, que não pode ser reduzida a uma comparação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a complexidade da compreensão de uma estrutura metafórica tanto no que concerne à sua natureza quanto ao sentido que estabelece em um determinado enunciado, as contribuições de teóricos como Ricoeur (1987), Black (1962; 1993), Paz (1996) e Marcuschi (2000) se fizeram essenciais para a articulação de uma possível definição da metáfora, assim como para delinear suas potenciais funções em um enunciado poético. A partir da discussão de diferentes perspectivas teóricas, fez-se possível asseverar que uma construção metafórica pode ser interpretada de diferentes maneiras e que, portanto, não há como encerrá-la em uma única leitura. Além disso, conforme salientado por Black (1962; 1993) e Ricoeur (1987), uma expressão metafórica estabelece um novo sentido em um determinado texto e, portanto, não pode ser categorizada apenas enquanto tropo – aspecto evidenciado na análise proposta no presente artigo.

Nessa perspectiva, fez-se possível verificar, a partir da leitura de três poemas de

“Calamus”, a utilização de elementos da natureza vegetal enquanto recurso metafórico em alusão tanto ao desejo homoerótico quanto ao processo poético na poesia de Walt Whitman. Cabe ressaltar que os poemas do escritor norte-americano, dada a sua riqueza e complexidade, incitam diferentes leituras, como se pode verificar nas análises de autores como Miller (1957), Hunt (1975), Cady (1978), Sienkiewicz (1998) e Mancelos (2009). Argumenta-se que há, nos poemas de Whitman, uma evidente preocupação com o fazer poético e com o processo de criação de sentido na poesia, que envolve a participação do leitor. Logo, conforme salienta Hunt (1975), os poemas de “Calamus” abordam tópicos para além do desejo homoerótico, apesar de este frequentemente servir como pano de fundo para as reflexões do eu lírico nos textos analisados.

A despeito da amplitude de análises teóricas no que concerne à poesia de Whitman, poucos autores se debruçaram sobre a temática do fazer poético nos poemas de “Calamus”, frequentemente analisados unicamente sob o viés do desejo homoerótico do eu lírico. Pesquisas com tal enfoque se encontram amplamente embasadas em informações biográficas e, portanto, frequentemente desconsideram o significado por trás da poesia por si mesma. Confere-se, assim, a necessidade de ampliação das investigações críticas acerca dos poemas de “Calamus”, de modo a abarcar outros possíveis sentidos para além da sua temática homoerótica.

REFERÊNCIAS

BERGEN, Joseph Y. **Elements of Botany**. Boston: Ginn & Company, 1896.

BLACK, Max. **Models and metaphors**. New York: Cornell University Press, 1962.

BLACK, Max. More about metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). **Metaphor and thought**. New York:

Cambridge University Press, 1993. p. 19-41.

CADY, Joseph. Not happy in the capitol: Homosexuality and the “Calamus” poems. **American Studies**, Lawrence, v. 19, n. 2, p. 5-22, 1978. Disponível em: <<https://journals.ku.edu/amsj/article/view/2263>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

ERKKILA, Betsy (ed.). **Walt Whitman’s Songs of Male Intimacy and Love: “Live Oak, with Moss” and “Calamus”**. Iowa: University of Iowa Press, 2011.

HUNT, Russel A. Whitman’s poetics and the unity of ‘Calamus’. **American Literature**, [S. l.], v. 46, n. 4, p. 482-494, 1975. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2924573>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MANCELOS, João de. Love flesh/carne do amor: metáforas do homoerotismo em Walt Whitman e em Eugénio de Andrade. **Forma Breve**, [S. l.], n. 7, p. 131-143, 2009. Disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/issue/view/396>>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A propósito da metáfora. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.9, n.1, p. 71-89, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/2319/2268>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MILLER, James E. Jr. Whitman’s “Calamus”: The Leaf and the Root. **PMLA**, Nova Iorque, v. 72, n. 1, p. 249-271, 1957. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/460228>>. Acesso em: 17 jun. 2023.

PAZ, Octavio. A imagem. In: __. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 37-50.

RICOEUR, Paul. A metáfora e o símbolo. In: __. **Teoria da interpretação**. Lisboa: Editora 70, 1987. p. 57-81.

SIENKIEWICZ, Conrad M. “Here the Frailest Leaves of Me” (1860). In: LEMASTER, J. R.; KUMMINGS, Donald D. (ed.). **Walt Whitman: An Encyclopedia**. New York: Garland Publishing, 1998. p. 273-274. Disponível em: <<https://archive.org/details/walt-whitmanencyc000unse/page/272/mode/2up?view=theater>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

WHITMAN, Walt. **Leaves of Grass**. Hazleton: The Electronic Classics Series, 2007.

Recebido em: 18/07/2024
Aprovado em: 09/12/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.